

banir as forças geratrizes do mêdo, de dirigir o curso da natureza, de regenerar a ordem universal transtornada, de quebrar o anátema e abolir a perdição. E' um ser bastante poderoso para recrear a terra e desfraldar um novo céu.

Em meio das inúmeras seitas da Antiguidade decadente, que acreditavam nos mais diversos redentores, foram ao princípio apenas alguns homens simples, operários e escravos que, numa província longínqua do Império Romano, anunciaram que o Salvador tão ardentemente esperado da humanidade, o vencedor do Mal por tôda a eternidade, havia descido à terra, sob a figura dum humilde filho de carpinteiro da Galiléia, no tempo do govêrno do rei Herodes Antipas.

Essa convicção dum punhado de homens singelos provocou, no mundo inteiro, transformações tão formidáveis que fazemos começar com justiça, do nascimento de Cristo, a nova era. Com efeito, aquela crença, primeiramente escarnecida, desprezada e perseguida, não tardou a dominar não somente o Império Romano como também a Europa e quasi tôda a terra. Foi ela que determinou tudo aquilo que sucedeu, durante dois milênios, dentro dos povos pertencentes à nossa civilização, tudo o que nêles foi criado, construído, transformado, destruído e reformado.

O que concorreu, de modo preponderante, para emprestar à doutrina de Jesús aquela singular força criadora, capaz de tudo transformar, foi ter-se afastado de tôdas as promessas materiais de salvação, opondo-lhes o ideal duma redenção metafísica puramente espiritual. A convicção que attribue ao espírito a capacidade e a missão de dominar e abolir a angústia primitiva da humanidade por uma ação psicológica partida do íntimo de cada um — essa convicção, que até então procurara sempre sua aplicação apenas nos círculos estreitos de sistemas filosóficos e de cultos místicos, encontrou então, pela primeira vez, sua grandiosa forma de valor eterno.

Contam-nos que Cristo repeliu com desprezo o Diabo, que lhe oferecia um "Reino dos pães" de esplendor terrestre e de felicidade, retrucando-lhe: "O meu reino não é dêste mundo". Isto já basta para marcar o contraste profundo entre a idéia redentora cristã e a dos quiliasmos preocupados com êste mundo. Isto realça seu alcance totalmente transcendental e puramente espiritual. Eis, justamente, também por que o povo judeu, imbuído da velha concepção tradicional dum império messiânico terrestre, pujante pela justiça, pelo bem estar social e pela abundância paradisíaca da natureza, não quisera reconhecer como o Messias aquele Jesús de Nazaré que se oferece em holocausto. E' verdade que Jesaías falara, uma vez, dos padecimentos do Messias, daquele humilde "Servidor de Deus" que êste último mandaria ao mundo como redentor; todavia a massa do povo de Israel

pensara sempre apenas num heróico rei-guerreiro: Daví constituía para êles a figura ideal do ungido de Deus. Teimavam em representar o futuro Messias consoante a figura daquele grande e brilhante vencedor dos inimigos de Israel. Ao passo que saúdatam, como Messias, o rei persa Ciro e Serubabel, que os comandara na volta do exílio, mandaram crucificar o Nazareno. Entretanto, alguns decênios mais tarde, seguiram entusiasmados o libertador Bar Zocheba, que os arrastou a uma revolta mal sucedida contra a dominação romana. As próprias comunidades cristãs dos primeiros séculos, a despeito de tirarem sua origem da fé na dignidade messiânica de Jesús, estavam ainda envoltas no sonho duma magnificência terrestre. Não conseguiam aceitar que seu Mestre tivesse morrido vítima das potências dêste mundo sem ter purificado a terra de todo Mal e sem ter assim libertado a humanidade de sua angústia.

A teimosa convicção de que a vinda do Salvador devia também transformar o mundo exteriormente não tardou em provocar, entre os primeiros cristãos, a esperança que Cristo apareceria uma segunda vez no horror do fim do mundo, para então, cercado de seus fiéis, governar a Jerusalém novamente reerguida, no esplendor da felicidade terrestre, durante mil anos, até a chegada do Juízo Final e do eterno reino celestial. O próprio Senhor recomendara a seus discípulos que anunciassem que o reino estava prestes a chegar, tendo, pela mesma ocasião, profetizado minuciosamente as aflições e misérias do tempo de horrores que precederia aquele reino, "daquela grande tribulação como nunca houvera desde o comêço do mundo e como também não haverá jamais".

A fé na próxima *parusia*, baseada em tais sentenças de Cristo, já mantivera a comunidade de Tessalônica em perpétua efervescência e incitara bandos fanáticos a desfilar pelas ruas, a proclamar que o dia tinha chegado em que o mal seria destruído e o Senhor apareceria na terra em tôda sua glória. E' porisso que a segunda carta do apóstolo Paulo aos Tessalônicos censura essas falsas esperanças e mostra que, até então, nenhum dos anunciados sinais precursores se realizara, devendo, por êsse motivo, ser afastada ainda a esperada e temida volta do Redentor.

E' com a mesma habilidade psicológica que a Igreja católica se esforça por serenar a angústia das multidões em presença das forças misteriosas, encerrando num sólido sistema hierárquico a esperança sempre viva das coletividades numa outra descida do Salvador. Ela sabe purificar tal esperança das grosseiras imagens materiais e elevá-la até um plano simbólico-espiritual. A própria Igreja passou a ser o "corpus Christi mysticum" e substituiu a volta corporal do Salvador por sua presença perpétua no sacrifício da missa. Com efeito, pro-